



---

**DOSSIÊ: GEORGE ORWELL**

---

**Insatisfação resignada:  
comentários sobre *A flor da Inglaterra*, de George Orwell**

**Débora Reis Tavares<sup>1</sup>**  
Universidade de São Paulo

**Daniel Puglia<sup>2</sup>**  
Professor – Universidade de São Paulo

Como citar este artigo: TAVARES, Débora Reis; PUGLIA, D. “Insatisfação resignada: comentários sobre *A flor da Inglaterra*, de George Orwell”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº13, pp. 26-42. 2022. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa-

**Resumo:** O objetivo deste artigo é comentar alguns aspectos referentes ao romance *A Flor da Inglaterra*, de George Orwell. Concentraremos nossa atenção no personagem central, Gordon Comstock. Nossa intenção é compreender algumas das escolhas e atitudes do personagem a partir de elementos internos à narrativa, bem como sugerir possíveis ligações com aspectos sociais e históricos. Isso talvez contribua para a compreensão daquilo que chamamos de insatisfação resignada, algo exemplificado pelo personagem.

**Palavras-chave:** Literatura. História. Romance. George Orwell.

*Resigned dissatisfaction: comments about A flor da Inglaterra, de George Orwell*

**Abstract:** This article aims at commenting on some aspects of George Orwell's novel *Keep the Aspidistra Flying*. We will focus our attention on the central character, Gordon Comstock. Our intention is to understand some of the character's choices and attitudes based on inner elements from the narrative, as well as to suggest possible connections with social and historical aspects. This may contribute to the understanding of what we call resigned dissatisfaction, something exemplified by the character.

**Keywords:** Literature. History. Novel. George Orwell.

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutora em Literatura pelo Departamento de Letras Modernas (FFLCH -USP).

<sup>2</sup> Professor Doutor do Departamento de Letras Modernas (FFLCH -USP)

A literatura de George Orwell possui uma força renovadora, atenta a detalhes muitas vezes esquecidos e, no entanto, fundamentais para a compreensão das relações entre os seres humanos. Sua arte tem por princípio a denúncia de iniquidades e injustiças por meio de um estilo direto e objetivo: “[o]ne should never write anything that a working man could not understand” (INGLE, 2006, p. 21), afirmou certa vez num jantar com amigos e familiares em meados de 1945. Essa prosa desprovida de ornamentos desnecessários pode, num primeiro olhar, ser avaliada como sendo pouco requintada. Mas aquilo que em termos formais parece desprezioso é, na verdade, um procedimento complexo, que disseca normas sociais utilizando cortes precisos de extrema exatidão. Em vários momentos de sua obra, podemos perceber que personagens, narradores e enredos são construídos com rigor, ampliando de maneira notável a acuidade, a abrangência e o alcance tanto da crítica social quanto da fatura artística levadas a efeito.

Na escrita de Orwell os acontecimentos históricos e seus desdobramentos na literatura são vistos como elementos fundamentais, fazendo com que a forma e seu conteúdo sejam pensados como meio para a intervenção política: “no book is genuinely free from political bias. The opinion that art should have nothing to do with politics is itself a political attitude” (ORWELL, 2004, p. 8). Assim, ao observar o universo criado em suas obras, podemos investigar as causas e as consequências de fenômenos que desde suas origens estão emoldurados por contextos políticos e econômicos. Tais fenômenos, uma vez colocados sob a lente cristalina da escrita orwelliana, podem ser compreendidos em uma nova dimensão, em uma nova dinâmica.

Considerando, por exemplo, o conturbado período entreguerras na Inglaterra, com suas variadas crises de ordem social e econômica, talvez possamos ver num romance como *A Flor da Inglaterra* (1936) o quanto algumas das técnicas artísticas de Orwell analisam determinados setores sociais inseridos em condições específicas e, ao mesmo tempo, oferecem um diagnóstico, ainda que parcial, sobre uma época. Assim sendo, o fio argumentativo deste artigo irá acompanhar alguns momentos cruciais do

personagem Gordon Comstock, protagonista do romance, em sua trajetória de incômodo, contestação e, por fim, adequação – tudo isso a partir de uma visão bastante peculiar que ele desenvolve em relação aos sistemas de poder aos quais está submetido.

Ainda que seja um escritor em início de carreira, Gordon nutre ressentimentos em relação aos círculos hegemônicos da cultura. Parece desprezar um território do qual sente estar excluído. Em consequência disso, procura romper com aquilo que entende como sendo as estruturas tradicionais de funcionamento da ordem vigente, estruturas essas que, em última instância, seriam as responsáveis por uma esfera cultural corrompida. Temos um escritor que trava uma batalha solitária, de certa forma um combatente isolado tendo como armas suas concepções bastante precárias e incompletas acerca dos antagonismos sociais. Nessa luta individual, uma de suas táticas é estabelecer o que seria uma guerra ao dinheiro, a tudo que de alguma maneira materializasse as relações mediadas pelas trocas monetárias.

Em alguns momentos, Gordon parece entender as recorrentes distorções de um mundo em que uma minoria desfruta do esforço feito pela maioria, porém seu descontentamento retrocede, abarca somente a si mesmo, e fica limitado ao horizonte da frustração individual. Pertencente a um setor da classe média baixa, Gordon mantém sua rebeldia dentro dos parâmetros controlados do questionamento aparentemente iconoclasta, mas que, no final das contas, opta por concordar com as normas hegemônicas para garantir alguns pequenos benefícios. Mas não há surpresa aqui: o narrador revela paulatinamente, ao longo do romance, as contradições presentes em Gordon, o que num certo sentido prepara o cenário de acomodação expresso no desenlace da narrativa.

### **Insatisfações**

Como mencionamos acima, *A Flor da Inglaterra* ilumina processos históricos, mais especificamente o período de crise econômica na Inglaterra durante a década de 1930. O protagonista, o aspirante a escritor Gordon Comstock, leva uma vida amargurada em Londres. Seu maior desejo é romper com o sistema das regras em vigor, porém atuando sempre sob a perspectiva estritamente individual. Decide abdicar dos domínios regidos pelo “deus do

dinheiro” (ORWELL, 2007, p. 15) desejando um rompimento unilateral, um distanciamento que o afaste dos poderes avassaladores da arbitragem monetária. Com esse intuito, abandona o emprego de redator publicitário para ser vendedor em um sebo, onde tem a certeza de que receberá baixos salários. Vai morar numa pensão modesta e bastante humilde. Além disso, cultiva a ideia obsessiva e infundada de que sua namorada, Rosemary, recusa um envolvimento mais íntimo por conta da opção dele pela pobreza. Acrescentemos ainda que essa opção pela pobreza acarreta consequências mais amplas: todas as relações de Gordon acabam sendo pautadas pela escassez de recursos e, principalmente, pelas contradições oriundas do modo como o próprio personagem encara sua condição.

Vive em uma pensão destinada para homens solteiros, com regras estritas: “*This tea-making was the major household offence, next to bringing a woman in*” (ORWELL, 1956, p. 29). Gasta seus dias impregnado pela sensação de inutilidade, numa rotina banal e improdutiva (LEE, 1969, p. 55). Em seu quarto gélido, com uma cama de solteiro e uma escrivadinha, havia um vaso com uma aspidistra – a planta cujo nome faz parte do título original do romance, *Keep the Aspidistra Flying*. Uma das características peculiares dela é requerer poucos cuidados, sendo resistente à luz do sol e às mudanças bruscas de temperatura. Ao longo da narrativa, ela sinaliza a onipresença de um modo de vida, funcionado talvez como uma espécie de totem, demarcando todo um conjunto de costumes, crenças e valores. De maneira recorrente, aparece principalmente como um elemento que denota aspectos definidores da classe média baixa: “(...) *Apartments’ cards in half the windows, aspidistras in nearly all. A typical lower-middle-class street*” (ORWELL, 1956, p. 239), como se a presença da planta nos parapeitos das janelas simbolizasse “*a kind of mingy, lower-middle-class decency*” (ORWELL, 1956, p. 33). Gordon, por sua vez, estabelece um comportamento de animosidade em relação à aspidistra:

As Gordon threw away the match his eye fell upon the aspidistra in its grass green pot. It was a peculiarly mangy specimen. It had only seven leaves and never seemed to put forth any new ones. Gordon had a sort of secret feud with the aspidistra. Many a time he had furtively attempted to kill it—starving it of water, grinding hot cigarette-ends against its stem, even mixing salt with its earth. But the beastly things are practically immortal. In almost any circumstances they can preserve a wilting, diseased existence. (...) The aspidistra became a sort of symbol for

Gordon after that. The aspidistra, flower of England! (...) To settle down, to Make Good, to sell your soul for a villa and an aspidistra! To turn into the typical little bowler-hatted sneak— Strube’s ‘little man’—the little docile cit who slips home by the six-fifteen to a supper of cottage pie and stewed tinned pears.” (ORWELL, 1956, p. 27-8)

Gordon contempla a aspidistra murcha, de apenas sete folhas e incapaz de fazer brotar uma nova. A “*secret feud*” em relação à planta faz com que nosso personagem tente matá-la em diversas ocasiões, seja restringindo água, seja tentando colocar sal na terra ou, ainda, “*grinding hot cigarette-ends against its stem*”. Mas a insistência teimosa da aspidistra persiste, continuando em seu vaso verde, perene, invencível, preservando sua existência doentia. Assim, no trecho em questão, fica explicitado que a planta atua como um símbolo para Gordon, remetendo à conformidade, ao abandono de princípios em troca de algumas benesses. Ter uma aspidistra significaria entrar para o rol dos cidadãos obedientes, adaptados às normas, que trabalham o dia todo e, ao final da jornada, podem desfrutar “*a supper of cottage pie and stewed tinned pears*”.

Gordon atribui à aspidistra uma importância central em sua vida. Repetidas vezes ao longo do romance, a planta estará associada com a imagem estereotipada de um determinado tipo de trabalhador, que ocupa um espaço mediano na sociedade: “*The lower-middle-class people, (...) they lived by the money-code, (...) They ‘kept themselves respectable’— kept the aspidistra flying*” (ORWELL, 1956, p. 238-9). Como metáfora principal do romance, a aspidistra também está fortemente ligada ao constante apelo para a obediência às regras, aos mandamentos de um arranjo que estabelece a adaptação como fim último e necessário. Manter a “aspidistra hasteada” seria como manter um processo em movimento (PLOMER, 1995, p. 65-6), em que continuamente um estandarte servisse como um lembrete, uma advertência sobre os corretos rituais a serem seguidos e obedecidos.

A postura de Gordon em relação à aspidistra – “*(...) sort of secret feud with the aspidistra*” – pode revelar sua repulsa pelos ditames exigidos pelas condições de vida da classe média baixa (VAN GHENT, 1995, p. 82). Ao mesmo tempo, ao cultivar dentro de seu quarto um símbolo que o identifica como alguém desse estrato social, Gordon também fornece indícios de suas próprias limitações, sua dificuldade para romper com uma lógica cuja influência em sua vida talvez

seja maior do que ele mesmo imagine. Vale lembrar que, ao manter essa planta em seu quarto de pensão, Gordon demarca a sua personalidade no ambiente: “*the sole mark Gordon’s personality had left on the room*” (ORWELL, 1995, p. 27), como se estivesse, contraditoriamente, de acordo com os valores que ela representa. Essa é a única intervenção que ele faz no cômodo úmido. Nosso protagonista parece desprezar a condição representada pela planta, mas permanece atrelado a essa mesma condição.

A aspidistra sobrevive a todas as tentativas de Gordon para exterminá-la, o que parece quase prenunciar a resistência exercida por um conjunto de forças que, ao fim e ao cabo, faz com que ele renuncie ao desejo de ser escritor, decida casar com Rosemary, e retorne para um emprego tradicional na agência de publicidade. Praticamente o arco do enredo se fecha como um retorno ao ponto de onde jamais o personagem parece ter saído. Como fica expresso no seguinte trecho, muito próximo ao desfecho do romance: “*He would get married, settle down, prosper moderately, push a pram, have a villa and a radio and an aspidistra*” (ORWELL, 1956, p. 238). Assim, as inquietações anteriores aparentemente são resolvidas por meio de uma síntese, unificando elementos do que seria uma vida adaptada, respeitável e sob a ilustrativa persistência daquela planta, que atuaria como um símbolo de cores pequeno-burguesas (POPKIN, 1995, p. 80-1). Quando Gordon se vê diante da decisão de se casar com a namorada, uma de suas primeiras atitudes como homem casado é adquirir uma aspidistra.

### ***Discordâncias***

Para compreender um pouco mais algumas das nuances da personalidade de nosso protagonista, pode ser útil observar algo de sua relação com o personagem Philip Ravelston, um intelectual rico que, numa observação um tanto quanto ferina, “*could always see another person’s point of view*” (ORWELL, 1956, p. 54), afinal tinha dinheiro. É um socialista abastado, mas que evita o contato com os mais pobres – indicando como o olhar crítico de Orwell aqui atua em pleno funcionamento. Ravelston publica artigos de escritores obscuros e sua revista aparenta certo teor de radicalidade, porém a placa na porta da sua residência sugere uma latente ironia (LEE, 1969, p. 167): “*On the street door there*

*was a brass plate inscribed: P. W. H. RAVELSTON - ANTICHRIST*” (ORWELL, 1956, p. 80). Com o título da revista colocado ao lado do seu nome, Ravelston parece ser o portador de um grau de ameaça aos sistemas estabelecidos que, em verdade, sabemos não corresponder exatamente à verdade. Com seu humor muito particular, Orwell aponta distorções entre aparência e realidade, entre invólucro e substância.

Na posição de editor, Ravelston escolhe aspirantes a escritores para acolher em sua residência. No final do romance, Gordon é um desses escolhidos: “*Another of Ravelston’s pet scroungers*” (ORWELL, 1956, p. 199). Enquanto convivem diariamente, em caráter de caridade, Ravelston se incomoda com a presença de Gordon em seu apartamento sofisticado: “*But of course, in his inmost heart, he didn’t really like having Gordon there. How should he? It was an impossible situation. There was a tension between them all the time*” (ORWELL, 1956, p. 198). A tensão mencionada pelo narrador, que reflete o incômodo do personagem, sugere o quanto as condições reais de existência acabam por perfurar véus encobridores disfarçados de boas intenções.

Gordon, por não ser um intelectual endinheirado, não possuiria as qualidades de seu amigo. Todavia, quando lhe era conveniente ele “permitia” que Ravelston o ajudasse financeiramente: “*he even allowed Ravelston to ‘lend’ him a further two pounds for current expenses*” (ORWELL, 1956, p. 191). Mesmo aceitando a ajuda financeira, é o narrador quem nos revela o verdadeiro desejo do nosso protagonista: “*(...) in his heart he didn’t want to be helped. He only wanted to be left alone*”. Algo que, na continuidade das frases, recebe ainda mais ênfase: “[he] *was headed for the gutter; better to reach the gutter quickly and get it over. Yet for the time being he stayed, simply because he lacked the courage to do otherwise*” (ORWELL, 1956, p. 191). Gordon escolhe usufruir de alguns privilégios, mesmo que afirme o contrário disso. Não tem a coragem para efetivamente enfrentar as consequências de seu rompimento com os mecanismos econômicos estabelecidos. Isso posto, e dentro dessa dinâmica repleta de incoerências de parte à parte, a amizade entre Gordon e Ravelston se desenvolve em torno de conversas sobre os pontos de vista de cada um sobre a sociedade. Gordon invariavelmente fazendo preleções sobre sua insatisfação com a lógica imposta pelo dinheiro. Ravelston, por sua vez, compreendendo o ponto de vista do

nosso protagonista e sua renúncia financeira, mas discordando, pois considerava ser algo insensato: “*the folly of what he was doing*” (ORWELL, 1956, p. 54) – ao mesmo tempo em que se coloca sempre disponível para ajudar.

Tendo sempre em mente os limites estabelecidos pelas situações sociais de ambos os personagens, alguns diálogos nos parecem especialmente relevantes. Destacaremos algumas pequenas passagens que podem porventura revelar tendências existentes na dinâmica construída por Gordon e Ravelston:

‘Oh, Socialism! Don’t talk to me about Socialism.’

‘You ought to read Marx, Gordon, you really ought. Then you’d realize that this is only a phase.’

(...)

‘Of course, I’m with you up to a point. After all, it’s only what Marx said. Every ideology is a reflection of economic circumstances.’

‘Ah, but you only understand it out of Marx! You don’t know what it means to have to crawl along on two quid a week. It isn’t a question of hardship — it’s nothing so decent as hardship. It’s the bloody, sneaking, squalid meanness of it. Living alone for weeks on end because when you’ve no money you’ve no friends. Calling yourself a writer and never even producing anything because you’re always too washed out to write. It’s a sort of filthy sub-world one lives in. A sort of spiritual sewer.’ (ORWELL, 1956, p. 85-9)

Ravelston usa de um argumento com matiz teórico para mostrar sua empatia e solidariedade. Isso de certa forma esboça em tons mais nítidos o abismo que aparta os dois: no conforto de sua posição, em que pode refletir livremente sobre ideias e conceitos, sem muitas vezes chegar às devidas conclusões, Ravelston enfatiza a necessidade de se aplicar a teoria de Marx. Gordon, por seu turno, mergulhado em privações de todo tipo, lembra o que é sequer ter forças para escrever e, assim, chama atenção para uma situação concreta e palpável, a penúria que muitas vezes impossibilita o exercício de atividades literárias. Torna-se perceptível a distância social e econômica entre eles. Ravelston é um intelectual com posses. Gordon vive em condições materiais que o aproximam de outra realidade – e isso faz com que alimente desconfianças e reservas em relação às divagações teóricas, uma vez que é pressionado pelas necessidades impostas pela vida prática. Ao mesmo tempo, nosso protagonista parece ser um tipo de trabalhador intelectual que procura

manter algumas vantagens para benefício próprio, tudo sempre disfarçado por insatisfações e ressentimento constantes.

Talvez possamos considerar, num certo sentido e com bastante cuidado, Ravelston e Gordon como duas vertentes, dois tipos diferentes de intelectuais. O editor usufrui de privilégios sem ter de passar pelas agruras e pelos percalços da insegurança financeira, da instabilidade sem recursos e meios de subsistência. Usufrui de condições suficientemente favoráveis para que possa contemplar a teoria marxista, de maneira bastante abstrata, como um horizonte plausível. Isso talvez possa ser correlacionado a um risco sempre presente: o fato de que intelectuais coloquem “a si mesmos como autônomos e independentes do grupo social dominante” (GRAMSCI, 2001, p. 17), muitas vezes sem localizarem sua própria situação nas relações de produção socioeconômica. Algo que evidentemente pode ser agravado quando, como no caso de Ravelston, pertencem de fato aos grupos sociais dominantes. Disso pode acarretar o uso um tanto quanto esvaziado de fórmulas e conceitos que parecem fazer sentido, mas que, no entanto, desconsideram aspectos complexos e profundamente ligados à vivência real de outras camadas sociais. Numa de suas falas, Ravelston menciona que “[e]very ideology is a reflection of economic circumstances”, mas, ao que tudo indica, não tira consequências disso, não consegue ver a magnitude dessa formulação e de seus efeitos para decifrar as próprias diferenças existentes entre sua situação e a do aspirante a escritor sem posses nem renda.

Vejamos agora alguns aspectos daquilo que chamamos de uma segunda vertente, representada por Gordon. Talvez possamos dizer que há uma certa aproximação entre a sua realidade e a de outros trabalhadores intelectuais com ocupações semelhantes, oscilando entre rotinas similares a atividades de linhas de produção e certa liberdade dada pela criação abstrata, vendendo sua capacidade intelectual como serviço (MARX, 1980, p. 398) – em decorrência, habitam espaços socioeconômicos periféricos, muitas vezes nas margens dos privilégios facultados à *intelligentsia*, mas aliados dos setores abastados e prósperos. Gordon nutre ressentimentos em relação à posição de conforto desfrutada por Ravelston. Isso pode ser compreensível. As discrepâncias e as disparidades são evidentes, afinal o editor tem à sua disposição possibilidades

materiais e espirituais inacessíveis para Gordon. No entanto, é gerada uma interessante reação – e é algo que pode nos ajudar a compreender uma característica que nos parece primordial no que se refere a Gordon: sua aversão, sua resistência a algumas das proposições socialistas. Algo que, por exemplo, fica patente na sua crescente irritação toda vez que Ravelston fala de socialismo como se tivesse “*transferred his allegiance from God to Marx*” (ORWELL, 1956, p. 80). A partir das contradições observadas entre o discurso e o modo de vida de Ravelston, que existem de fato, Gordon descarta toda uma tradição de pensamento teórico, acabando por conceber de maneira estereotipada algumas das propostas dessa corrente política. Expressa, num certo sentido, uma opinião bastante difundida, a de que o socialismo pode ser ótimo na teoria, mas que na prática nunca daria certo. Entretanto, tal opinião deveria ser analisada e entendida, investigada em todas as suas modulações, tantos em termos históricos quanto políticos (EAGLETON, 2012, p. 20). Nosso protagonista não faz isso, e isso merece nossa atenção.

Gordon não quer ser incomodado com o conceito de socialismo, pois isso lhe causaria tédio: “*I can’t be bothered with Socialism. The very thought of it makes me yawn*” (ORWELL, 1956, p. 90). Essa atitude pode significar algo mais do que simples idiosincrasia do personagem. Talvez – e isso deve ser apenas ensaiado como possibilidade – algumas das razões para tal comportamento podem estar relacionadas a arcabouços tanto sociais quanto históricos que parecem conformar seu entorno. Vivendo de maneira precária, percebendo contradições e injustiças de toda ordem, e mesmo tendo acesso a alguns conceitos que de certa forma auxiliariam a modificação das estruturas hegemônicas, Gordon ainda assim não amplia sua perspectiva. Novamente vale ressaltar: sua inquietação e angústia não fermentam uma politização mais consequente, não propiciam uma mudança de perspectiva que alie experiência individual e percepção coletiva. Não consegue, assim, vislumbrar as possibilidades de que, por exemplo, jornadas de trabalho mais curtas poderiam “em parte permitir aos homens e às mulheres lazer para a realização pessoal, [e] em parte [...] gerar tempo para a atividade do autogoverno político e econômico” (EAGLETON, 2012, p. 22).

Para aqueles que se beneficiam dos sistemas de poder, muitas vezes a sociedade pode parecer ser livre e justa, enquanto todos os outros sentem na pele o quanto ela é desigual. Mas, especialmente para esta última parcela da população, parece não haver alternativas possíveis (COCKSHOT & ZACHARIAH, 2012, p. 12). Um passo adiante poderia ser dado a partir do momento em que a percepção da injustiça fosse coletivamente mobilizada. As inquietações de Gordon, sua aversão em relação ao modo de vida a que estão condenados os membros da classe média baixa, seu repúdio dirigido ao mundo da cultura oficial, bem como suas críticas ao socialismo como instrumento discursivo abstrato – tudo isso poderia ser direcionado para outro caminho. Contudo, outra conjuntura seria necessária: um ambiente propício que, ao menos hipoteticamente, poderia ocasionar a tão necessária conscientização política de Gordon.

### **Confluências históricas**

Esse distanciamento de Gordon em relação ao socialismo – que para ele soa apenas como uma reflexão abstrata – talvez possa ser observado em correlação a uma tendência recorrente nos anos 1920 e 1930. Sua situação de trabalhador intelectual alheio a modos mais organizados de reflexão política pode ser um indicativo de uma atmosfera geral mais ampla. A maioria dos ingleses tinha contato com as ideias acerca do socialismo por meio de partidos políticos: o *Labour Party*, partido de centro-esquerda considerado amplo e que reunia a perspectiva socialdemocrata, a socialista democrática e a sindicalista (WORLEY, 2009, p. 01); o *Socialist Labour Party*, que se concentrava na Escócia e tinha como principal meio de comunicação o jornal *The Socialist* (KENDALL, 1969, p. 63); e o *British Socialist Party*, um partido que se afirmava marxista, e que surgira como uma organização socialista revolucionária após a Revolução Russa e a Primeira Guerra Mundial (BARBERIS, MCHUGH, TYLDESLEY, 2000, p. 173), de forma que sua negociação com outras organizações comunistas culminou no estabelecimento do *Communist Party of Great Britain* em 1920. E mesmo assim, o que nos parece particularmente relevante, o contato dos trabalhadores ingleses com as organizações partidárias de esquerda não era amplo o suficiente. As organizações partidárias não exerciam uma influência massiva no ideário crítico progressista dos trabalhadores como um todo.

Geralmente o auge do alcance socialista se dava nas greves (SAVAGE & MILES, 2003, p. 76).

Esse predomínio das demandas eminentemente trabalhistas, ao menos na esfera dos partidos e dos sindicatos, talvez fosse um impeditivo para que pessoas com o perfil de nosso protagonista se aproximassem dessas organizações políticas. Estamos aqui, evidentemente, no campo das suposições. Nosso intuito é apenas sugerir possibilidades explicativas que forneçam um retrato mais completo de Gordon. Lembremos que ele se encontra constantemente isolado, na típica rotina que permeia os afazeres do trabalho e o retorno para casa. Sua única reflexão sobre incômodos e percepções da sociedade envolvem seus encontros esporádicos com Ravelston. Gordon, nesse sentido, parece ser um trabalhador apartado de seu verdadeiro potencial de percepção crítica. Sua incapacidade de se orientar politicamente não seria, portanto, apenas uma responsabilidade individual, ou uma falha indelével. Por não possuir o acúmulo das discussões e indagações, de importância geral e ampla, mas que ficavam restritas aos partidos, as saídas que pareciam viáveis eram aquelas da esfera individual, isolada, distante do âmbito da experiência coletiva.

O período entreguerras, época em que se desenvolve o romance, “*in this year of blight 1934*” (ORWELL, 1956, p. 153), foi um tempo de transformações. É nesse contexto que o isolamento e a falta de horizontes de Gordon talvez possam ser vistos como uma figuração, uma representação de algo também presente no cotidiano inglês, numa época em que “a economia mundial capitalista pareceu desmoronar” (HOBSBAWM, 1997, p. 91). Vale lembrar que a Inglaterra de Gordon e Ravelston está permeada pela fome e pela crise de fundo econômico: “*Besides, he would never find another job. There are no jobs to be had nowadays*” (ORWELL, 1956, p. 189).

Em tal contexto, as crises econômicas “jamais são suaves, e flutuações variadas, muitas vezes severas, fazem parte integral” (HOBSBAWM, 1997, p. 91) de uma conjuntura assim caracterizada. Nesse universo de terra arrasada e de instabilidade na ordem capitalista, Gordon não se sente atraído por quaisquer possibilidades que uma teoria como o socialismo possa vir a

oferecer. Ravelston considera que a mudança verdadeira deve ser feita no sistema em si: “*One’s got to change the system, or one changes nothing*” (ORWELL, 1956, p. 211). Mas isso de forma alguma parece convincente aos olhos de Gordon. Lembrando que nosso protagonista não mantém uma convivência com outros grupos que possam oferecer uma discussão menos livresca e mais politizada, as soluções oferecidas por Ravelston surgem como se fossem provenientes de uma cartilha estereotipada, recheada por frases de efeito.

Em outra passagem do romance temos mais um elemento que pode auxiliar nossa compreensão. Gordon demonstra apatia, revelando incômodo e enfado em relação à perspectiva de buscar um emprego, logo após ser demitido do sebo em que estava trabalhando: “*The prospect of searching for another job bored him even more than the prospect of poverty*” (ORWELL, 1956, p. 235). Isso acrescenta aspectos mais reais sobre as condições concretas em que vivia. Em outro paralelo histórico que talvez possamos sugerir, convém mencionar que, no momento em que transcorrem as ações dos personagens no romance, o Reino Unido estava imerso em uma de suas maiores depressões econômicas, com grandes níveis de desemprego. Durante o período designado como *Great Slump* (RICHARDSON, 1969, p. 3-19), havia milhões de desempregados segundo os registros disponíveis (ORWELL, 2010, p. 54). Resultado das reverberações da crise de 1929 e dos empréstimos feitos durante a Primeira Guerra Mundial, os problemas econômicos britânicos se espalharam em todas as instâncias da sociedade (CONSTANTINE, 1980, p. 17). Não é por acaso que a falta de empregos mencionada pelo protagonista parece dialogar com esse cenário histórico: “*There are no jobs to be had nowadays*”.

Mencionar a questão do desemprego em um período de crise econômica significa refletir sobre seus desdobramentos sociais, uma vez que as condições do mercado de trabalho afetavam significativamente a qualidade de vida da população (CONSTANTINE, 1980, p. 02). Tendo esse pano de fundo em mente, podemos perceber outro fator relevante, outro índice de como ocorre a inserção de Gordon nas estruturas sociais. Por meio do seu trabalho, seja na agência de publicidade, seja na livraria, vemos que ele percorre nichos específicos concernentes a todo um setor dos trabalhadores que desempenhavam, em maior ou menor escala, atividades não necessariamente

braçais. Gordon faria parte, assim, de um contingente da força trabalho que estava sendo profundamente afetado. Em meio à recessão, os empregos foram redistribuídos em toda Inglaterra: ao norte se concentrava o trabalho braçal, das mineradoras de carvão e a indústria de algodão; ao sul, nas cercanias de Londres, estavam as novas indústrias (CONSTANTINE, 1980, p. 11). Essa redistribuição dos tipos de mão de obra diminuiu os postos de trabalho braçal e aumentou os de colarinho branco, ou trabalhadores não manuais que, ao final dos anos 1930, constituíam um quarto da força de trabalho britânica (CONSTANTINE, 1980, p. 03). Nessa última categoria poderíamos incluir nosso protagonista, que se encaixaria no tipo de mão de obra relativamente especializada.

A oferta de empregos no período entreguerras se concentrou principalmente em funções burocráticas, por conta da expansão da indústria especializada e mais desenvolvida (CONSTANTINE, 1980, p. 04). Nesse contexto, as oportunidades para Gordon não eram nada promissoras. A descrição carregada de ironia daquilo que seria uma promoção na agência de publicidade, por exemplo, deixa entrever isso: “*Gordon [was promoted] to a special post as secretary (...) It was an unmistakable chance to Make Good.*” (ORWELL, 1956, p. 53). Considerado esse panorama, podemos refletir melhor sobre a jornada de nosso protagonista – algo que nos auxilia a ligar alguns pontos de sua trajetória. Desempenhando suas atividades na agência de publicidade, Gordon toma consciência de que sua função consiste na manipulação de informações em troca de lucro. Essa situação não o satisfaz. O mercado de trabalho, por outro lado, não oferece um vasto campo de oportunidades. Ocorre ainda que, como já mencionamos, as saídas vislumbradas por Gordon sempre tangenciam alternativas pouco refletidas, sempre afeitas a um caráter imediatista e individual. Contestar a ordem permeada pelos valores de classe média baixa, perceber as inconsistências de discursos abstratos sobre o socialismo: tudo isso pode ser acentuado a partir das experiências reais vivenciadas por ele. Entretanto, em virtude do diminuto acesso a formas mais organizadas de contestação social e política, nosso personagem não consegue transcender as delimitações impostas pela contestação restrita às cercanias dos interesses de

ordem pessoal e privada – o que, novamente, fica plenamente esboçado ao final da narrativa.

### **Resignação**

No desfecho do romance, Gordon expressa sentir alívio ao se conformar e voltar a uma vida de acordo com as normas que tanto criticara: “(...) *he felt nothing but relief; relief that now (...) [he] could get back to decent, fully human life*” (ORWELL, 1956, p. 237). Toda a batalha travada contra o dinheiro parece ter sido um fardo, quase que um sacrifício em que abdicara de sua própria condição humana. Acrescente-se ainda o fato de que agora, com esse retorno, era como se cumprisse um destino, seu verdadeiro destino.

Em nossa perspectiva, Gordon chega ao final de um processo cujas etapas anteriores renunciavam o resultado final. Sua resignação condiz com a postura de alguém que não desejava efetivamente uma modificação nos sistemas de poder e opressão. Por outro lado, como tentamos sugerir ao estabelecermos algumas possíveis correlações históricas, algo do horizonte mental do personagem também tem de ser compreendido: talvez até mesmo em virtude de condições conjunturais, um certo “espírito do tempo” da Inglaterra no período, ele nunca se colocara na posição de um intelectual que desejava compreender o nexo e as implicações mais profundas das relações de produção socioeconômica, ou seja, a maneira como a produção de bens e serviços está organizada para a obtenção de lucros e não para a satisfação das necessidades humanas. Isso tem impactos profundos na forma como são estabelecidas as relações de trabalho e de sociabilidade entre as pessoas. Gordon percebe partes dessa dinâmica, mas seu incômodo recai inevitavelmente no universo privado e particular, não conseguindo “identificar sua posição dentro dessas relações” (BENJAMIN, 1996, p. 131) – algo que circunscreve e restringe a percepção sobre o contexto em que está inserido, bem como sua maneira de agir nesse mesmo contexto. Sua suposta revolta, nesse sentido, esteve desde sempre limitada por uma espécie de confinamento, uma insatisfação resignada, enredada em sua clausura.

### **Referências**

BARBERIS, Peter; MCHUGH, John; TYLDESLEY, Mike, (eds). “571: Young Socialist League”. IN: **Encyclopedia of British and Irish Political Organizations: Parties, Groups and Movements of the Twentieth Century**. London: Pinter, 2000.

BENJAMIN, Walter. “O Autor como Produtor”. In: **Obras Escolhidas Volume 1 - Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

COCKSHOTT, W.P. & ZACHARIAH, D. **Arguments for Socialism**. Glasgow: University of Glasgow, 2012.

CONSTANTINE, Stephen. **Unemployment in Britain Between the Wars**. London: Longman, 1980.

EAGLETON, Terry. **Marx Estava Certo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere – Volume 2. Os intelectuais, O princípio educativo, Jornalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos, o Breve Século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

INGLE, Stephen. **The Social and Political Thought of George Orwell**. New York: Routledge, 2006.

KENDALL, Walter. **The Revolutionary Movement in Britain, 1900-21: The Origins of British Communism**. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.

LEE, Robert A. **Orwell’s Fiction**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1969.

MARX, Karl. **Teorias da Mais Valia – História Crítica do Pensamento Econômico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

ORWELL, George. **Keep the Aspistras Flying**. New York: Harcourt Publishing Company, 1956.

\_\_\_\_\_. **A Flor da Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Why I Write**. London: Penguin Books – Great Ideas, 2004.

PLOMER, William. “Spectator Review”. In: MEYERS, Jeffrey. **George Orwell, the Critical Heritage**. Boston: Routledge & Kegan Paul: 1995.

POPKIN, Henry. “Commonweal review”. In: MEYERS, Jeffrey. **George Orwell, the Critical Heritage**. Boston: Routledge & Kegan Paul: 1995.

RICHARDSON, H. W. “The Economic Significance of the Depression in Britain”. In: **Journal of Contemporary History** (1969) 4#4 pp. 3-19.

SAVAGE, Mike & MILES, Andrews. **The Remaking of the British Working Class: 1840–1940**. London: Routledge, 2003.

VAN GHENT, Doroty. “Yale Review”. In: MEYERS, Jeffrey. **George Orwell, the Critical Heritage**. Boston: Routledge & Kegan Paul: 1995.

WORLEY, Matthew. **The Foundations of the British Labour Party: Identities, Cultures and Perspectives, 1900–39**. Surrey: Ashgate Publishing, 2009.